ISBN 978-85-7727-518-2

REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E LETRAMENTO

Jacqueline Silva da Silva[1]
Morgana Domênica Hattge
Samara da Fonseca Rosa Santana
Tania Micheline Miorando
Angélica Vier Munhoz [2]

Resumo: Este trabalho origina-se da pesquisa "As representações de uma comunidade escolar sobre Alfabetização Científica e Letramento", realizada pelo curso de Pedagogia da Univates/RS, desde março de 2012, tendo como objetivo compreender as representações referentes à alfabetização científica e letramento, em uma comunidade escolar de Lajeado/RS, cujo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi avaliado como abaixo da média municipal. A pesquisa tem por objetivo investigar questões relacionadas ao Letramento e à Alfabetização Científica da escola mencionada, bem como propor ações que visem uma mudança qualitativa nas condições desses temas em estudo, na respectiva escola. Além disto, os alunos do Curso de Pedagogia nas Avaliações Institucionais têm apontado a importância de uma maior discussão a respeito do tema Alfabetização Científica e Letramento. Buscando levar os temas da pesquisa a serem refletidos, este trabalho apresentará a pesquisa relatando seus resultados parciais e suas atividades planejadas para este ano.

Palavras-chave: Alfabetização Científica. Letramento. Prática pedagógica.

Colocar em discussão a produção acadêmica, as práticas docentes e as representações existentes sobre alfabetização científica e letramento exige novos olhares sobre tais estudos, pois se historicamente a alfabetização serviu para pensar a escolarização, também serviu como artefato de controle e governo da população. O fracasso da escola em alfabetizar é evidenciado frequentemente em avaliações nacionais e estaduais. Ao mesmo tempo, um olhar histórico sobre a alfabetização e letramento revela uma trajetória de sucessivas mudanças conceituais e metodológicas.

A pesquisa "As representações de uma comunidade escolar sobre Alfabetização Científica e Letramento", no início de suas atividades realizou um questionário com catorze professores da escola em que a pesquisa está sendo realizada, com o objetivo de conhecer as representações iniciais das professoras sobre as temáticas em estudo. Após a realização do questionário, foi solicitado à direção da escola que selecionasse um grupo de quatro professores que tivessem disponibilidade e interesse em participar de um grupo focal. A escolha foi feita pela própria escola, sendo que a única solicitação do grupo de pesquisa dizia respeito às turmas de atuação dos professores, que deveria ser da Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental.

Em agosto de 2012, as professoras selecionadas pela escola começaram a participar de encontros de estudos e de um grupo focal com as pesquisadoras e bolsistas da Univates. A análise do material de pesquisa apurado até o momento nos permitiu perceber que para tais professoras a alfabetização científica estava relacionada à alfabetização do código escrito e ao letramento. Percebeu-se que os mesmos discursos que circulam a respeito das dificuldades enfrentadas no letrar e no alfabetizar, também são produzidos em relação a alfabetizar cientificamente. Assim, as representações que as professoras tinham de alfabetização científica, em muitos momentos, confundiam-se com o conceito de alfabetização e letramento.

Nos estudos e leituras sobre o tema da pesquisa, realizadas em vários momentos com as professoras da escola participante, pudemos compreender que a alfabetização científica é um termo abrangente, que não se reduz aos conhecimentos da natureza, à química e matemática unicamente, nem mesmo à questão de apropriação do código escrito e/ou ao letramento. Segundo Chassot (2003, p.91), "a *alfabetização científica* pode ser considerada como uma das dimensões para potencializar alternativas que privilegiam uma educação mais comprometida", tornando-se "o conjunto de conhecimentos que facilitariam aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem" (CHASSOT, 2000, p. 19). Nesse sentido, a alfabetização científica não somente busca ampliar os conhecimentos básicos do cotidiano, mas também preparar o aluno para que ele seja capaz de produzir conhecimentos em sua vida cotidiana, com maior autonomia.

A importância dessa discussão emerge num ano em que o Brasil foi novamente submetido a uma avaliação comparativa de estudantes no que se refere à "alfabetização científica", o Programme for International Student Assessment - PISA. Assim, a alfabetização científica traz uma pluralidade de acepções sobre a alfabetização e, sobretudo sobre a potencialização

1 Univates, Pedagogia, jacqueh@univates.br.

2 Orientador. Doutora, Univates, angelicavmunhoz@gmail.com

de práticas no campo da educação. Em meio a essa discussão temos o mito da alfabetização (MARZOLA, 2001) que recai com grande peso na apreciação da qualidade da educação básica a partir de programas governamentais de avaliação.

A metodologia de trabalho foi principalmente baseada por orientações que determinam os estudos que priorizam investigações a partir de um grupo focal. Esta metodologia, segundo Gomes (2005) é uma técnica qualitativa de coleta de dados. Foi proposta pelo sociólogo estadunidense Robert King Merton, com o objetivo de analisar as respostas de grupos à exposição a textos, filmes e questões. Por muito tempo, foi "relegada a segundo plano pelos cientistas sociais, sendo privilegiada apenas como técnica de marketing" (GOMES, 2005, p. 283). Segundo Dal'Igna (2012) a técnica de grupo focal é utilizada na pesquisa por cientistas sociais desde a década de 1950. A partir de 1980, passou a ser utilizada na área da Saúde e da Educação, com um aumento expressivo em sua utilização a partir da década seguinte (1990). O grupo focal pode ser definido, de acordo com Barbour (2009) como uma reunião de grupo em que o pesquisador ou moderador conduza a discussão de modo que os participantes conversem entre si a respeito de determinado tema e a partir de determinados estímulos (um filme, um texto, um questionário etc.).

Para implementar o desenvolvimento da pesquisa foram realizados ainda: questionário com os docentes da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, entrevista semiestruturada com um professor da educação infantil e um professor de cada ano do bloco de alfabetização, observações na escola e organização de um grupo focal para discussão mais aprofundada dos conceitos estudados na pesquisa. Compreender as representações sobre os temas alfabetização científica e letramento no contexto escolar atual torna-se um campo rico de investigação que só pode ser compreendido nas fronteiras entre realidades sociais, institucionais, culturais e linguísticas e, sobretudo, a partir dos processos históricos e políticos que demarcam a constituição da escola.

Os resultados da pesquisa ainda são parciais, mas percebe-se que a mesma tem possibilitado às professoras participantes repensar sua prática pedagógica junto às crianças, a partir de um pensamento mais reflexivo que problematiza o discurso das certezas. Em decorrência disso, vão qualificando as ações diárias que realizam em suas práticas docentes, refletindo sobre os novos termos que cercam a Educação.

Como a proposta da pesquisa é buscar compreender como as representações em torno da alfabetização científica e letramento vão produzindo e reproduzindo as práticas discursivas e não discursivas no interior da escola, consideramos que os objetivos estão parcialmente atingidos.

A análise das representações e discursos das professoras envolvidas na pesquisa acerca da alfabetização científica não tem a pretensão de verdade, mas o objetivo de mostrar o caráter contingente e construído historicamente dos discursos que perpassam a educação básica. Nesse sentido, cabe esclarecer, que não entendemos esse grupo de professoras como produtoras desses discursos. Para Foucault (2001), o discurso é produzido em meio a intrincadas relações de saber e poder e não é possível localizar sua produção nos sujeitos que vivenciam suas práticas discursivas e não discursivas.

A pesquisa busca afirmar que tanto mais importante do que a discussão terminológica entre os conceitos, é tentar compreender como as representações que se têm em torno de determinado tema pedagógico vão produzindo e reproduzindo as práticas discursivas e não discursivas no interior da escola. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, seguimos enfrentando o desafio de investigar e compreender melhor como essas práticas se instituem e que efeitos produzem no cotidiano da escola.

Finalizando, destaca-se que a relevância desse estudo está em contribuir para a formação dos professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, qualificando assim a escola básica.

REFERÊNCIAS

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHASSOT, Áttico. *Alfabetização científica*: questões e desafios para a educação. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000.

CHASSOT, Áttico. *Alfabetização científica*: questões e desafios para a educação. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.

DAL"IGNA, Maria Cláudia. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 195 – 217.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2001.

GOMES, Alberto A. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. In: **Eccos** – Revista Científica, São Paulo, v.7, n.2, p. 275-290, jul./dez. 2005.

MARZOLA, Norma. O analfabetismo como metáfora. IN: SCHMIDT, Saraí. **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DPeA, 2001.